

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia ▪ Teologia ▪ Prática

Volume 14
Número 1
Junho 2025

UMA ANÁLISE SOBRE O SIGNIFICADO DA PALAVRA SILENCIADA EXPRESSA NO “COMO” DO SACERDOTE ZACARIAS

An analysis of the meaning of the silenced word expressed in the “how” of the priest Zacharias

Dr^a Kátia Silva Cunha¹

Dr^a Gleyds Silva Domingues²

RESUMO

A proposta do artigo tem por finalidade tecer uma análise discursiva sobre o texto bíblico de Lucas 1.5-25, que narra a predição do nascimento de João Batista. A partir da perícopes eleita observa-se que a mensagem foi entregue pelo anjo Gabriel ao sacerdote Zacarias, como resposta às suas orações. A questão que norteia a análise do artigo está na pergunta de Zacarias dirigida ao anjo e que acarreta como consequência o seu silêncio. A problemática a ser investigada tem como inquietação a seguinte pergunta: por que o “como” expresso na resposta de Zacarias evidencia um prenúncio de dúvida, figurando na ação de ter a sua palavra silenciada? O aspecto de análise está centrado no campo da linguagem. Não se tem a pretensão de efetivar uma análise exegética do texto, mas compreender como o posicionamento do sacerdote conduziu à exortação expressa

¹ Professora Associada da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Diretora de Gestão Acadêmica da Universidade Federal de Pernambuco (PROGRAD/DGA) até 31 de outubro de 2024. Docente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e do programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea (PPGEDUC). Professora lotada nos Cursos de Educação Física do Centro Acadêmico da Vitória. Pós-Doutorado pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro/Proped UERJ. Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Possui graduação em PEDAGOGIA pela Universidade Federal de Pernambuco, graduação em Música Sacra - Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil. Experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Superior, atuando principalmente nos seguintes temas: políticas curriculares, aprendizagem e currículo, formação de professores, avaliação educacional e da aprendizagem. Coordena o grupo de Pesquisa: LAPPUC- Laboratório em pesquisa de políticas públicas, currículo e docência, com parceria com os seguintes Grupos de Pesquisa: Políticas de Currículo e Cultura/ UERJ, Práxis Educativa na Formação e no Ensino Bíblico/ FABAPAR/PR e Educação, Inclusão Social e Direitos Humanos- UFPE/CNPq. Participante da Rede Brasileira em Teoria do Discurso. Orcid: 0000-0001-9282-715X E-mail: katia.scunha@ufpe.br

² Pós Doutora em Educação e Religião. Doutora em Teologia. Mestre em Educação. Professora da FABAPAR e da Carolina University. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Ensino Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Práxis Educativa na Formação e no Ensino Bíblico. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Laboratório Currículo e Formação de Professores (LAPPUC). Orcid 0000-0002-4254-321X. E-mail: professora.gleyds@fabapar.com.br

pelo anjo, tendo o silenciamento enquanto consequência da atitude manifesta pelo sacerdote. Observa-se que Zacarias, por sua posição ocupada e pelo seu conhecimento diante dos feitos do Senhor, deveria demonstrar confiança diante do anúncio efetivado e alegrar-se por ter a resposta que tanto almejava, anunciando ao povo o que havia sido revelado sobre o nascimento do seu filho.

Palavras-chave: Sacerdote. Anúncio. Fé. Promessa Divina. Dúvida.

ABSTRACT

The purpose of this article is to conduct a discursive analysis of the biblical text Lucas 1:5-25, which narrates the prediction of the birth of John the Baptist. From the chosen pericope, it is observed that the message was delivered by the angel Gabriel to the priest Zechariah as an answer to his prayers. The question guiding the article's analysis lies in Zechariah's inquiry to the angel, which results in his being silenced. The issue to be investigated revolves around the following question: Why does the “how” expressed in Zechariah's response indicate a foreshadowing of doubt, leading to his speech being silenced? The analytical focus is centered on the field of language. The intention is not to carry out an exegetical analysis of the text but rather to understand how the priest's stance led to the rebuke expressed by the angel, with silencing as a consequence of the attitude displayed by the priest. It is noted that Zechariah, given his position and his knowledge of the Lord's deeds, should have demonstrated trust in the announcement and rejoiced at receiving the answer he had longed for, proclaiming to the people what had been revealed about the birth of his son.

Keywords: Priest. Announcement. Faith. Divine Promise. Doubt.

INTRODUÇÃO

O ato de apresentar, comunicar, informar o conhecimento pelas palavras não é desconhecido pelos povos no mundo. Durante alguns anos teve-se até escolas que orientavam nessa atividade, a fim de que houvesse o domínio da palavra e com ele o poder de convencer pelo uso de argumentos e construção de teses convincentes.

Um dos espaços mais conhecidos na Grécia antiga foi a Ágora. Nele, se reuniam os “cidadãos” para a discussão de temas em assembleia, que poderiam mudar as normas, os fluxos da vida daquela comunidade, além de celebração de atos religiosos³. Na Ágora, o espaço era aberto para expressão da palavra e da argumentação lógica.

No que diz respeito ao povo hebreu, a palavra e a direção a serem exercidas vinham por intermédio de um sacerdote, o qual tinha acesso ao espaço denominado “Santo dos santos”. O sacerdote ao adentrar nele, promovia no povo uma expectativa sobre a aceitação ou não da oferta; e como essa aprovação se concretizaria em forma de uma resposta.

Compreende-se que no contexto de Israel, o sacerdote exercia papel fundamental, sendo visto por seu povo como uma autoridade constituída, uma vez que trazia o resultado diante das ofertas dedicadas ao Senhor. Ele era um porta-voz de Deus, diante da dispensação do perdão de pecados, mediante o sacrifício entregue, bem como da direção a ser seguida.

A discussão proposta neste artigo é evidenciar como a palavra atribuída ao sacerdote ocupa um espaço de significação no contexto de desenvolvimento da fé, bem como o silêncio, que pode ser significado positiva e ou negativamente, sendo ora promotor de descrença, dúvida, ausência de posicionamento e convicção, expectativa e não confiança diante da promessa dada pelo Senhor.

³ Disponível em: https://conceito.de/agora#google_vignette

Para tal processo argumentativo, compete analisar o contexto do diálogo estabelecido no Evangelho de Lucas 1.5-23, o qual apresenta dois personagens principais: o sacerdote Zacarias e o anjo Gabriel, emissário da palavra do Senhor. A questão que envolve a discussão está referenciada na pergunta de Zacarias: “como terei certeza disso” (Lc 1-18).

A problemática a ser investigada tem como inquietação a seguinte pergunta: por que o “como” expresso na resposta de Zacarias evidencia um prenúncio de dúvida, figurando na ação de ter a sua palavra silenciada? O aspecto de análise está centrado no campo da linguagem. Não se tem a pretensão de efetivar uma análise hermenêutica do texto.

A metodologia da pesquisa centra-se na análise do discurso que tem a proposta de verificar os ditos, os não ditos e os silêncios demarcados na narrativa bíblica eleita. Nesse sentido, recai sobre a proposta compreender tanto os momentos do exercício da palavra, como os silêncios produzidos.

O artigo está dividido em três seções. Na primeira parte do texto, é apresentado o papel designado aos sacerdotes; no segundo, compete abordar sobre o sacerdote Zacarias e o dilema que vivia. Na terceira, discute-se sobre o sentido do silêncio e como isso manifesta a presença de uma resposta íntima do que está no coração.

1. O ESPAÇO DA PALAVRA ATRIBUÍDO AOS SACERDOTES

O sacerdócio era uma função bem presente no mundo antigo. A Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã⁴ informa que a figura do sacerdote assumia um papel central para o povo hebreu, principalmente diante da questão do pecado, o que tornava necessária a oferta de sacrifícios, segundo as histórias descritas no Antigo Testamento. Essa função está presente na designação e no significado da palavra latina *sacerdos*.

É interessante constatar que a função sacerdotal se fazia presente entre os povos babilônios, egípcios, hebreus, gregos, romanos, os quais confiavam nos pronunciamentos dos sacerdotes, dirigindo as ações e atitudes a serem efetivadas.⁵ Eles exerciam autoridade e, ainda, ofereciam sacrifícios em prol de uma finalidade.

Walton, Matthews e Chavalas esclarecem que “as culturas do antigo Oriente desenvolveram algum tipo de sacerdócio”⁶, o que indica que esse exercício era algo comum entre os povos antigos, sendo, inclusive similar a maneira como efetivavam o trabalho. A partir desse ofício, é possível dizer que seus oficiantes ocupavam lugar de destaque, exercendo autoridade e poder diante do povo.

Champlin assegura que os sacerdotes eram considerados como figuras sociais e políticas e, ainda, atuavam como mediadores entre a divindade e os homens.⁷ Eles também se pronunciavam sobre questões éticas, legais e futuras. É por este motivo que, em alguns povos, a palavra só poderia ser proferida por pessoas que tinham a legitimidade de ensino, profecia e sabedoria. Esses se faziam representar por sacerdotes ou sacerdotisas. Afinal, eles exerciam a autoridade de um líder e desfrutavam de benefícios, devido à posição ocupada entre o povo. Mas, o que dava aos sacerdotes esse poder sobre a palavra? Segundo Vaz:

O sacerdote era eleito para o serviço do santuário, serviço exclusivo que ninguém mais estava autorizado a assumir (Nm 3,38) Quando se construía um santuário, consagrava-se um sacerdote para nele assegurar o culto dos fiéis. Entre as várias cerimônias de culto tinha singular importância o sacrifício.⁸

⁴ **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**. Vol 3. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 327.

⁵ Chama atenção para o caráter hereditário assumido no exercício do sacerdócio. Tal prática pode ser encontrada no Bramanismo na Índia. Ainda, é curioso ler sobre os sacerdotes pertencerem a uma classe especializada na Babilônia. E, ainda, sua correspondência entre o Imperador e o sumo sacerdote romano. CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 16.

⁶ WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 137.

⁷ CHAMPLIN, 2001, p. 16.

⁸ VAZ, Armino dos Santos. O sacerdócio no Antigo Testamento. **Revista de Espiritualidade**. N.º 74. vol. 19. 2011, p. 82.

Interessante observar que a origem do sacerdócio em Israel é considerada como uma evidência de maturidade do sistema religioso e isso precisa ser considerado, uma vez que demarca uma forma de aproximar o povo de Deus, bem como de reconhecer sua soberania, justiça e ação presente, visto que ele se inclina em direção ao penitente.

A figura do sacerdote se associa, necessariamente, a sua função junto ao templo, ou o lugar da habitação de Deus, ou dos deuses. No caso do povo de Israel, essa presença é acentuada depois do êxodo do Egito, cujo serviço está associado aos ritos, aos sacrifícios e às festas religiosas. É preciso destacar que os sacerdotes em Israel não herdavam e nem tomavam posse de terras, devido ao caráter exclusivista do serviço a ser efetivado, o que os impedia de exercerem outra atividade que não a que haviam sido designados.

Compete dizer que o início do sacerdócio no Antigo Testamento remonta à figura de Arão, estendendo-se aos seus descendentes, tal como está registrado no capítulo 28 do livro de Êxodo. Nele, é descrito todo o processo envolvido, bem como as vestes a serem utilizadas e o ritual de sacrifícios e cerimônias a serem observadas. Ainda sobre o sacerdócio de Arão, cabe esclarecer que:

Ao escolher Arão e seus filhos para o sacerdócio, Deus designou quem era digno de servi-Lo no Tabernáculo e estabeleceu a sucessão hereditária para as futuras gerações de sumo sacerdotes em Israel. A linhagem sacerdotal se originava da tribo de Levi e, especificamente, da descendência de Arão.⁹

A Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã¹⁰ apresenta algumas das tarefas a serem efetivadas pelos sacerdotes, tais como atuar na direção dos cultos, oferecer sacrifícios, zelar pelo templo e sua manutenção e representar a nação de Israel diante de Deus. De fato, os sacerdotes exerciam função de liderança, o que requeria responsabilidade, lisura e vida dedicada ao Senhor.

Vaz, ainda, afirma que o sacerdote exercia uma função de mediador, pois como aquele que era consagrado a Deus, era o único a poder se aproximar perante a presença de Deus, uma vez que estabelecia uma relação direta com a santidade de Deus, além de que era o intérprete da revelação transmitida por tradição oral e escrita, ou seja, o intérprete da Palavra. Neste sentido:

[...] 'kōhēn', como se dizia em hebraico, tinha direito a tocar os objectos sagrados, era admitido à proximidade de Deus, tinha o poder de oferecer sacrifícios, pronunciava a bênção de Deus sobre o povo e nos tempos mais remotos pronunciava oráculos.¹¹

A figura de mediador é descrita pela Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã sobre duas vertentes: "representar a Deus diante do Seu povo e vice-versa"¹², o que indica que o sacerdote estabelecia tanto um relacionamento entre Deus e seu povo, como do povo com Deus. Por isso, que seu trabalho tinha o reconhecimento desse povo, uma vez que expressava a direção e a vontade de Deus, no que tange a manifestar sua misericórdia e perdão, diante dos pecados praticados.

Como é possível entender, o sacerdote era o guardião do ensino e, também, da lei de Deus; por meio dele a Palavra era transmitida, na confiança de que ela vinha diretamente do próprio Deus para seu povo. Isso evidencia o papel de destaque atribuído a essa função no contexto bíblico do Antigo Testamento. Sobre o papel exercido, Pearlman escreve que:

Os sacerdotes e levitas das várias partes do país eram divididos em vinte e quatro turnos, ou plantões. Cada turno durava duas semanas. À entrada de um novo turno, tiravam-se sortes para a distribuição dos deveres, tais como cuidar do fogo do altar, ministrar ao lado do altar e cuidar do candelabro. A honra maior e mais desejada era oferecer incenso no altar de ouro, no Lugar Santo - ato que simbolizava a apresentação das petições da nação. Tão grande era a honra que uma lei impedia ao sacerdote usufruí-la mais de uma vez.¹³

Observa-se certo rigor no exercício sacerdotal, pois suas regras eram claras e precisavam ser cumpridas

⁹ WALTON; MATTHEWS; CHAVALLAS, 2018, p. 137.

¹⁰ Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, 1998, p. 330.

¹¹ VAZ, 2011, p. 85.

¹² Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, 1998, p. 330.

¹³ PEARLMAN, M. Comentário Bíblico - Lucas: o Evangelho do Homem Perfeito. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 10.

com responsabilidade e eficiência. Essa ideia sobre o sacerdócio, também, é compartilhada por Henriksen, ao declarar que:

A cada dia as diversas funções do sacerdócio eram designadas por meio de sorteio. A parte mais solene de toda a liturgia era o ato da queima de incenso. Era então que o sacerdote se encontrava mais perto do véu que separava o Lugar Santo do Santo dos Santos. Na economia da antiga dispensação, o Santo dos Santos não “possuía o altar de ouro do incenso”? Por certo que, por razões compreensivelmente práticas, esse altar realmente ficava no Lugar Santo (Êx 30.6,10). Mas pertencia ao Santo dos Santos (Hb 9.4).¹⁴

Wiersbe esclarece que “cada sacerdote tirava a sorte para determinar que ministério realizaria”,¹⁵ o que indica a diversidade de serviço a ser efetivado no templo, como o queimar incenso. Esse era uma das funções exercidas pelo sacerdote e estava associado a um ato de adoração. Registra-se que a ação de queimar incenso perfumava o ar do templo, dissipando o seu odor, o que, talvez, se tornasse perceptível ao povo.¹⁶

Outro significado atribuído ao queimar incenso, liga-se a fazer um pedido de perdão ou súplica. A fumaça do Incenso simbolizava as orações subindo a Deus, ou como o Salmo 141.2 expressa, sobre quando Davi orava ao Senhor que: “Suba à tua presença a minha oração, como incenso”, ou seja, como perfume agradável ao Senhor.

A figura do sumo sacerdote prefigura no Antigo Testamento.¹⁷ A partir de seu trabalho é possível ver que exercia uma função distintiva, pois era o único a adentrar, anualmente, no Santo dos Santos. “[...] o sumo sacerdote procurava o perdão e a misericórdia de Deus para a nação inteira (Lv 16.1-19), porque sem o perdão e a misericórdia de Deus, a aliança com Israel não poderia continuar”.¹⁸

É claro, que a partir de Jesus Cristo, há um novo sentido atribuído ao sacerdócio¹⁹, contudo, o que se deseja demonstrar é que as atitudes e os posicionamentos esperados dos sacerdotes tinham a ver com dependência, confiança e convicção diante da Palavra proferida por Deus, o que se torna o ponto de destaque no episódio descrito no Evangelho de Lucas 1.5-25.

2. A PERGUNTA DE ZACARIAS, O SACERDOTE, DIANTE DA PALAVRA DO SENHOR

O Evangelho de Lucas 1.5 descreve a função de Zacarias como sacerdote, do grupo de Abias. Sua mulher, Isabel, é apresentada como descendente de Arão. Isso indica que ambos vinham de uma linhagem sacerdotal, contudo, era Zacarias que exercia as atividades sacerdotais no templo. Sobre ambos serem da linhagem sacerdotal, Morris comenta que: “Exigia-se do sacerdote que se casasse com uma virgem israelita (Lv 21.14), mas não necessariamente com uma família sacerdotal. Ter uma esposa de descendência sacerdotal era uma bênção adicional para um sacerdote”.²⁰

Segundo o texto do Evangelho de Lucas 1.5-7, é possível entender que tanto Zacarias como Isabel eram pessoas de caráter aprovado. Morris afirma que a “piedade deste casal é ressaltada com os adjetivos justos e irrepreensíveis”²¹, entretanto, sobre eles havia uma suspeição, porque não tinham filhos. Pearlman

¹⁴ HENDRIKSEN, Willian. **Comentário do Novo Testamento**: Exposição do Evangelho de Lucas Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 101.

¹⁵ WIERSBE, Warren W. **Novo Testamento I**: comentário bíblico expositivo. Santo André: Geográfica, 2017, p. 220.

¹⁶ Walton, Mathews e Chavala esclarecem que o sentido dado à aroma agradável tem a ver com o sacrifício que agradava ao Senhor. “Com o tempo, tornou-se um termo técnico para descrever um sacrifício aceitável e aceito por Deus (compare Lv 26.31), e não algo que ele come” (WALTON; MATHEWS; CHAVALA, 2020, p. 141).

¹⁷ Sobre a função do sumo sacerdote em Israel, é dito que com o passar do tempo ele assume um papel de destaque, visto ter prestígio e poder diante do povo (**Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**, 1998, p. 330).

¹⁸ Ainda, a **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**, 1998, p. 330.

¹⁹ Champlin esclarece que Cristo substituiu o papel do sumo sacerdote do Antigo Testamento, visto que atribuiu o sacerdócio a todo aquele que aceita a mensagem do Evangelho, sendo-lhe permitido entrar na presença do Senhor sem a mediação de um terceiro (CHAMPLIN, 2001, p. 14).

²⁰ MORRIS, Leon. L. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 66.

²¹ MORRIS, 2014, p. 66.

descreve assim esta situação:

Zacarias e Isabel não tinham filhos, provação e triste vergonha para qualquer família judaica. Isto porque, além do amor natural às crianças, havia sempre a esperança de que um dos filhos fosse o libertador do seu povo. O casal orara durante muito tempo, até a esperança tornar-se desespero.²²

Para o povo judeu, “os filhos são herança do Senhor, uma recompensa que ele dá” (Sl 127.3). Assim, um casal sem filhos poderia indicar que Deus não reconhecia neles motivo para recompensá-los. Acrescenta-se, ainda, que o caso da infertilidade, trazia, ainda, outra questão para esse povo, não apenas a ausência de benção, mas a expressão da maldição.

Uma maldição que se expressa tanto no nível homem individual, como no nível social, sinal de desobediência, afinal aqueles que obedecem ao Senhor são abençoados com filhos, como relata Deuteronômio 28.15 e 18:

¹⁵ Será, porém, que, se não deres ouvidos à voz do Senhor teu Deus, para não cuidares em cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos, que hoje te ordeno, então virão sobre ti todas estas maldições, e te alcançarão:

[...]

¹⁸ **Maldito o fruto do teu ventre**, e o fruto da tua terra, e as crias das tuas vacas, e das tuas ovelhas. (Grifos nossos).

Então, Zacarias tinha uma mulher que não permitia que sua linhagem fosse contínua, ou seja, não teria frutos, visto que Isabel era uma mulher estéril, e por isso sentia o opróbrio, desprezo, vergonha, desonra. Moss e Baden reforçam isso, ao declararem que “quando a fertilidade está situada no contexto bíblico, ela relaciona-se mais com a perpetuação da família do que exclusivamente com o ato da procriação”.²³ Nesse sentido, poderia dizer que Isabel aos olhos do povo era alguém desfavorecida e negligenciada pelo “autor da vida”.

Afinal, a mulher estéril era aquela que não contava com o olhar e a benção de Deus, e sobre ela repousava o aparente silêncio ou indiferença do Altíssimo. Dessa forma, cabe inferir, que o próprio sacerdócio de Zacarias poderia estar sendo questionado. Não seria ele merecedor de filhos? E, ainda, não poderia vir dele pronunciamentos considerados verdadeiros? Falaria Deus com Zacarias? Por que não tinha filhos?

Um sacerdote sem filhos, era assim que Zacarias era visto. O texto de Lucas afirma que Zacarias e Isabel pediam incessantemente a Deus por filhos, mas estavam já velhos. Essa petição é ressaltada por Pearlman, ao escrever sobre a ação do sacerdote, quando ele foi escolhido para oferecer incenso no altar:

Enquanto a multidão orava no Templo, o sacerdote aproximou-se do altar de ouro, colocou brasas vivas na grelha e espalhou por cima um punhado de incenso que subiu em nuvens à presença de Deus. Ao incenso juntou Zacarias sua petição, pedindo um filho. [...] A petição do sacerdote realmente chegara ao trono da graça, pois logo apareceu o anjo Gabriel, trazendo-lhe a promessa de um filho. Ao pai temeroso, tranquilizou: ‘Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida.’²⁴

A questão da infertilidade era uma questão séria, por esse motivo é preciso compreender que o padrão bíblico do Antigo Testamento, é o da fertilidade (Gn 1.28; 9.1), ou como afirma o salmista: “Em tua casa, **tua mulher** será como **a videira frutífera**, e teus filhos, como brotos de oliveira ao redor da tua mesa. Assim **será abençoado o homem** que teme o SENHOR” (Sl 128.3-4) (grifos nossos).

A esterilidade era tão grande maldição, que as mulheres poderiam desejar -morrer, como é constatado nesse relato de Genesis 30.1,2: “Quando Raquel viu que não dava filhos a Jacó, teve inveja de sua irmã. Por isso disse a Jacó: “**Dê-me filhos ou morrerei!**” (grifos nossos).²⁵ Jacó ficou irritado e disse: “Por acaso estou

²² PEARLMAN, 2021, p. 9-10.

²³ MOSS; BADEN, 2015, p. 17.

²⁴ PEARLMAN, 2021, p. 10.

²⁵ Sobre a fertilidade é dito que “no contexto do antigo Oriente Próximo e no cenário bíblico, é comum associar a fertilidade à bênção divina e a

no lugar de Deus, que a impediu de ter filhos?” Sobre a questão da infertilidade, Chwartz explicita que:

O radical hebraico ‘qr’ (estéril), ao contrário, engloba um amplo conjunto de sentidos. O significado mais antigo de ‘qr’ é raiz; ‘qr’ significa, na esfera agrícola, desenraizar, arrancar pela raiz. Na esfera humana, possui o sentido de infecundo, sem filhos.²⁶

Interessante que o texto não explica o porquê da esterilidade de Isabel, mas, observa que tanto Isabel quanto Zacarias eram tementes a Deus. Isso, portanto, guarda relação direta com o texto de Gênesis 1.28 e 9.1, portanto, não se compreende a condição da não geração de filhos. Pelo que o texto bíblico apresenta, eles não tinham sido amaldiçoados e nem mesmo disciplinados por alguma falta cometida. Entretanto, pode-se observar como a soberania de Deus atua, demonstrando a limitação do ser humano, diante do seu agir, que muda rumos e destinos, traz novas perspectivas e renova a esperança. Continua Hendriksen:

É compreensível que ser escolhido por meio de sorteio para queimar o incenso fosse considerado um privilégio único. Somente uma vez na vida se permitia que um sacerdote recebesse essa honra. Depois disso, ele era sempre considerado “rico e santo”. Numericamente falando, ser escolhido por sorte para queimar incenso era um privilégio do qual participavam somente uns poucos.²⁷

Zacarias, então, entra no templo para oferecer o incenso e as orações. Esse era um tempo de honra para Zacarias, e naquele momento muitas pessoas estão do lado de fora do templo, aguardando que a fumaça do incenso suba, carregando as orações, na esperança de serem ouvidas. Eis aqui um momento muito importante que estava sendo protagonizado por Zacarias. Hendriksen explica a cena:

Então há um profundo silêncio, porque está para ocorrer o soleníssimo ato do ritual. Faz-se um sinal. O momento sagrado chegou quando Zacarias deve colocar o incenso sobre as brasas, provocando uma nuvem que sobe e se espalha com sua agradável fragrância. Juntamente com o aroma que se evola, do coração e dos lábios do sacerdote, também se evola uma fervorosa oração de gratidão pelas bênçãos recebidas e de súplica rogando paz sobre Israel. O povo, reunido “do lado de fora” do santuário, porém “dentro” de seus átrios (o Átrio de Israel, o Átrio das Mulheres, estando presentes os sacerdotes e levitas, especialmente no Átrio dos Sacerdotes; [...]). Então esperam que Zacarias regresse do altar do incenso e caminhe para o oriente, para os degraus em frente ao santuário (o Lugar Santo e o Santo dos Santos). Sobre esses degraus, Zacarias, acompanhado por outros sacerdotes, deve pronunciar a bênção arônica sobre o povo. Essa bênção deve ser seguida por cânticos de louvor, pelas oferendas públicas etc.²⁸

Nisso, o povo aguarda o retorno de Zacarias, com a Palavra vinda de Deus. Tal espera gerava expectativa e muita ansiedade, pois, afinal, teria Deus aceito o perfume das orações? Queria Deus dizer algo? Entretanto, uma situação inesperada acontece. Diz o texto:

¹⁰ E toda a multidão do povo estava fora, orando à hora do incenso.

¹¹ E um anjo do Senhor lhe apareceu, posto em pé, à direita do altar do incenso.

¹² E Zacarias, vendo-o, perturbou-se, e caiu temor sobre ele.

¹³ Mas o anjo lhe disse: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João (Lc 1.10-13).

Enquanto o povo aguarda o retorno de Zacarias, o anjo chega até ele e traz a mensagem do Altíssimo: “Zacarias, sua oração foi ouvida” (Lc 1.13b). Imagine o susto que deve ter sentido, uma vez que a presença de um anjo indicava julgamento divino.²⁹ Por isso, que diante da reação do sacerdote, é proferida a mensagem: “Não temas” (Lc 1.13a). Essa pode ser considerada uma expressão de encorajamento ou outra forma de dizer “tenha fé”.

esterilidade a sua maldição ou desaprovação. Como reflexo disso, a fertilidade da mulher era vista como elemento indispensável, pois garantia a sobrevivência do clã, assegurava a sucessão, a defesa da comunidade e a produtividade agrícola” (MELO, Ygor Lebrank; CHADWICK, Christie Goulart. Esterilidade na Bíblia Hebraica à luz da narrativa de Raquel. *Revista Eletrônica de História Social da Cidade*, São Paulo, n.35, Edição Especial 2025, p. 4).

²⁶ CHWARTS, Suzana. **Uma visão da esterilidade na Bíblia Hebraica**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004, p. 13.

²⁷ HENDRIKSEN, 2003, p. 101.

²⁸ HENDRIKSEN, 2003, p. 102.

²⁹ WIERSBE, 2017, p. 220.

Afinal, Zacarias teria um filho com sua mulher Isabel. Seu nome seria João, aquele que seria dedicado ao Senhor e que promoveria o arrependimento e a conversão de muitos. João Batista “tem um lugar especial nos acontecimentos messiânicos [...], pois é apenas o precursor”.³⁰

O trecho mais significativo da mensagem proferida pelo anjo a Zacarias, revela que a função de João Batista seria converter o coração dos pais aos filhos e os rebeldes à prudência dos justos, cujo propósito era construir um povo preparado para o Senhor, ou seja, atuaria como profeta vindo da parte de Deus para reconduzir o seu povo, libertá-lo e trazer a esperança.

É dito na anunciação do anjo que João Batista seria um homem grande diante de Deus, cheio do Espírito Santo. “Seu ministério é assemelhado àquele Elias (cf Mc 9.13), e a profecia de Malaquias 3.1 e 4.5-6 é invocada”.³¹ Zacarias estava ouvindo que sua oração fora atendida, e que Deus estava dando muito mais que um filho, mas um que traria alegria e prazer, reconhecendo-o como dele. De fato, esses são motivos para que a alegria enchesse o seu coração. Sim, um filho. Deus ouviu as orações e estava recompensando Zacarias e Isabel. Ainda, Deus estava redimindo sua esposa, tirando-a da vergonha.

Zacarias, como sacerdote, já deveria ter dado essa notícia a muitos pais e mães. Ele sabia que Deus responde as orações dos justos, e, também, reconhecia o poder de Deus diante dos impossíveis humanos. Ele era o sacerdote da Palavra, era quem mediava sempre, era o homem da Torá, o intérprete, o porta-voz da vontade de Deus.

A narrativa, contudo, descreve uma postura totalmente contrária a que se esperava de um sacerdote. Zacarias demonstra incredulidade diante da mensagem, dando margem aos senões humanos. Wiersbe descreve que “em vez de olhar para Deus pela fé, o sacerdote olhou para si mesmo e sua esposa e resolveu que o nascimento de um filho era um acontecimento impossível para eles”.³² Diz o texto bíblico (Lc 1.18-19):

¹⁸ Disse então Zacarias ao anjo: **Como saberei isto?** pois eu já sou velho, e minha mulher avançada em idade.

¹⁹ E, respondendo o anjo, disse-lhe: Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado a falar-te e dar-te estas alegres novas (grifos nossos).

A indagação de Zacarias, expressa no advérbio de modo “como”, sinaliza para a sua incredulidade diante da mensagem proferida. Evidencia dúvida, ou seja, é uma forma de demonstrar que não apenas questionava sobre a possibilidade do fato, mas da palavra do Deus dos impossíveis. E isso era algo indigno para alguém que era reconhecido como um homem temente a Deus.

Morris retifica a atitude de Zacarias, afirmando que ele duvidou sem rodeios, ao indicar que tanto ele como sua esposa eram idosos, por isso, não teriam como procriar. O tempo deles havia passado e não via como isso poderia ser efetivado. Por esse motivo que o anjo revela seu nome e sua posição, visto que “sua posição diante de Deus revela algo de sua dignidade”.³³

Assim, do lado de fora a espera, e do lado de dentro uma nova cena se apresenta, que conduz a reflexão sobre a petição contínua de Zacarias. Afinal, ele acreditava naquilo que ensinava? Ou seja, a Palavra estava no seu coração, ou era apenas um ofício? Poderia estar confuso o sacerdote, pois naquele momento sua petição era pela paz de Israel, e agora o anjo fala em filho.

A dúvida estava no coração de Zacarias. Então, por que orava? Por que continuava a pedir um filho, se já era velho e, também sua esposa? O que pensava Zacarias? Que receberia uma nova mulher para lhe dar filhos? Que uma criança seria colocada à sua porta? Teria um plano de filhos que foi nessa hora frustrado? Ou simplesmente orava para cumprir a norma, o rito? Afinal, o que anjo trazia era uma notícia alegre, uma boa nova. Por que não se alegrou Zacarias?

³⁰ MORRIS, 2014, p. 65.

³¹ MORRIS, 2014, p. 67.

³² WIERSBE, 2017, p. 220.

³³ MORRIS, 2014, p. 68.

A partir do texto bíblico, é possível dizer que mesmo um homem temente a Deus pode ter seu momento de dúvida, em que a sua humanidade se torna explícita, evidenciando a finitude diante do sobrenatural. “A recusa de Zacarias quanto a crer deve ser vista à luz da condescendência de Deus em enviar tal mensageiro com semelhante mensagem”³⁴, por isso que ele sofre a consequência direta, diante da reação manifesta: o silêncio. Não poderia revelar o que ocorreu e nem mesmo ser porta-voz das boas novas recebidas. Ficaria mudo até o nascimento do filho, o que gerou espera diante do cumprimento das palavras do Senhor proferidas pelo anjo Gabriel.

3. O TEMPO DO SILENCIAMENTO E DA APRENDIZAGEM

O silenciamento pode ser um ato produtivo, quando se compreende que sua finalidade é trazer reflexão sobre decisões ou ausências. Por outro lado, pode ser improdutivo quando não se reconhece como um tempo de aprendizagens. Isso indica que o problema não está no silenciamento, mas como é recepcionado por aquele que sofre sua ação.

Zacarias foi penalizado pelo silenciamento porque não correspondeu de maneira positiva à manifestação da graça de Deus. Antes, sua atitude foi expressa com resmungos, ceticismo e dúvida. Ou seja, tudo que o anjo falou sobre o filho, ele afirmava não reconhecer em forma de justificativas humanas: afinal eram velhos, ele a esposa. Como isso ocorreria diante de uma condição de impotência? Estaria Deus zombando dele? E, também o anjo?

Enquanto a conversa com o anjo prosseguia, o povo do lado de fora esperava, e a ansiedade aumentava. Estaria acontecendo algo dentro do templo? Essa era a única possibilidade que o povo encontrava. O que teria o sacerdote para dizer? Ele estava demorando tanto, poderia ser uma Boa Nova? Ou repreensão? Estaria vivo o sacerdote? O certo é que o povo aguardava notícias de Zacarias que não retornava. Hendriksen retoma a cena:

Segundo o Talmude, era costume que o sacerdote que tinha a função de oferecer o incenso se afastasse do altar o mais depressa possível, para não cometer inconscientemente um ato de profanação (cf. Lv 10.1s; 2Sm 6.6, 7). Nesse caso, porém, de forma totalmente contrária ao costume, o sacerdote “gastou tempo excessivo” (literalmente falando) antes de regressar do santuário.³⁵

O povo se assombra na espera da Palavra a ser proferida, mas Zacarias duvidava que a Palavra fosse verdadeira. O povo esperava que as orações fossem ouvidas. Contudo, o que ocorreu foi o silêncio. Wiersbe diz que Zacarias “quando deixou o santuário, não pode dar a bênção sacerdotal (Nn 6.22), nem lhes dizer o que havia visto”. Parece que o sacerdote não tinha o mesmo sentimento em relação à sua súplica. O povo esperava por Zacarias, e, por quem esperava o sacerdote?³⁶

Diante da dúvida do sacerdote, aquele que deveria levar a vontade de Deus para o povo, o intérprete de Deus, aquele que se apresentava ao Santo como irrepreensível, mas que não parecia ter a convicção em seu coração, o anjo o sentenciou ao silêncio, ou seja, da possibilidade de ele falar sobre o que havia ocorrido. Cabia ao sacerdote, o porta-voz da Palavra, o silêncio. Diz o texto de Lucas 1.20,22-25:

20 E eis que ficarás mudo, e não poderás falar até ao dia em que estas coisas aconteçam; porquanto não creste nas minhas palavras, que a seu tempo se hão de cumprir.

[...]

22 E, saindo ele, não lhes podia falar; e entenderam que tinha tido uma visão no templo. E falava por acenos, e ficou mudo.

23 E sucedeu que, terminados os dias de seu ministério, voltou para sua casa.

24 E, depois daqueles dias, Isabel, sua mulher, concebeu, e por cinco meses se ocultou, dizendo:

³⁴ MORRIS, 2014, p. 68.

³⁵ HENDRIKSEN, 2013, p. 112-113

³⁶ WIERSBE, 2017, p. 220.

25 Assim me fez o Senhor, nos dias em que atentou em mim, para destruir o meu opróbrio entre os homens.

O silêncio soa como consequência de sua postura diante da mensagem de Deus proferida pelo anjo. Afinal, porque falar sobre aquilo que não se crê. Wiersbe afirma que a atitude do sacerdote se trata de expressão de manifesta incredulidade, o que desagrada a Deus. Ainda, declara que “a fé é abençoada e a incredulidade julgada”.³⁷

De fato, o silenciamento produziu aprendizado e, ainda, trouxe a compreensão de que “ninguém pode ensinar verdadeiramente se não ensina alguma coisa que seja verdadeira ou válida a seus próprios olhos”.³⁸ Nesse caso, o silêncio é uma alternativa que ajuda a refletir, rever, reaprender e acreditar com a mente e com o coração.

Cabe, ainda, ressaltar que em muitos momentos o silêncio se faz necessário, principalmente, quando se precisa de um tempo para pensar nas atitudes e decisões expressas diante de uma situação. É essencial trazer à memória a esperança e, de alguma maneira, ressignificar a fé perdida ou adormecida. Por isso, é necessário ouvir “não temas”, simplesmente creia.

À GUIA DE UMA CONCLUSÃO: DEUS OUVI AS ORAÇÕES

Deus não está surdo às orações e às súplicas. Ele responde. Mas pode ser que a resposta de Deus não esteja no que foi planejado pelo suplicante, mas com certeza, será sempre a melhor resposta, pois como ensina Romanos 12.2: “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, **para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus**” (grifos nossos). É preciso entender que a perfeição da vontade de Deus vai além do entendimento humano.

A narrativa de Zacarias, em Lucas 1.5-25, revela uma profunda tensão entre a fé e a dúvida, entre a palavra proclamada e o silêncio imposto. Como sacerdote, Zacarias ocupava uma posição de mediação sagrada, portador de uma tradição que exigia confiança inabalável nas promessas divinas. No entanto, seu questionamento — “Como saberei isto?” — expôs não apenas uma hesitação momentânea, mas uma crise de fé que remete à fragilidade humana diante do sobrenatural.

O silêncio que se seguiu não foi apenas uma punição, mas um ato pedagógico. Ao ser privado da fala, Zacarias foi convidado a um tempo de interiorização, em que a palavra não mais se projetava para fora, mas ressoava dentro dele, confrontando sua incredulidade. Esse período de mudez tornou-se, paradoxalmente, um espaço de escuta — um silêncio que falava mais alto que qualquer discurso. Nele, Zacarias aprendeu que a verdadeira fé não exige garantias, mas rende-se ao Deus que cumpre suas promessas além da lógica humana.

A restauração de sua voz, no momento em que nomeou seu filho “João” (Lc 1.63-64), marcou não apenas o fim de um castigo, mas a vitória da obediência sobre a dúvida. Zacarias, então, tornou-se novamente o sacerdote que profetizou, mas agora com uma autoridade renovada: sua experiência de silêncio transformara-se em testemunho.

Este episódio desafia a refletir sobre os próprios “como” que insistem em brotar diante das promessas divinas. A história de Zacarias lembra que o silêncio de Deus nunca é vazio; é, antes, um convite a abandonar a necessidade de controle e a confiar no Autor da Palavra — mesmo quando ele escolhe calar-se para que a fé do suplicante possa falar mais alto.

Mais tarde, Jesus disse sobre João Batista, ou seja, o filho da promessa que nascera de pais velhos: “Eu vos afirmo que dentre os nascidos de mulher não há um ser humano maior do que João” (Lc 7.28a), o que ratifica a palavra proferida sobre ele ao seu pai Zacarias (Lc 1.15). Deus é fiel e cumpre suas boas promessas.

³⁷ WIERSBE, 2017, p. 220.

³⁸ FORQUIN, J. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada. Almeida Século 21. São Paulo: Vida Nova, 2013.

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.** São Paulo: Hagnos, 2001.

CHWARTS, Suzana. **Uma visão da esterilidade na Bíblia Hebraica.** São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

ENCICLOPÉDIA Histórico-Teológica da Igreja Cristã, 1998.

FORQUIN, J. **Escola e cultura:** as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

HENDRIKSEN, Willian. **Comentário do Novo Testamento:** Exposição do Evangelho de Lucas Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

MELO, Ygor Lebrank; CHADWICK, Christie Goulart. Esterilidade na Bíblia Hebraica à luz da narrativa de Raquel. **Revista Eletrônica de História Social da Cidade,** São Paulo, n.35, Edição Especial 2025.

MORRIS, Leon. L. **Lucas:** introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014.

MOSS, C. R.; BADEN, J.S. **Reconceiving Infertility:** Biblical perspectives on procreation and childlessness. New Jersey: Princeton University Press. 2015.

PEARLMAN, M. **Comentário Bíblico – Lucas:** o Evangelho do Homem Perfeito. 3.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

VAZ, Armindo dos Santos. O sacerdócio no Antigo Testamento. **Revista de Espiritualidade.** N.º 74. vol. 19.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia:** Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WIERSBE, Warren W. **Novo Testamento I:** comentário bíblico expositivo. Santo André: Geográfica, 2017.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional